



O ministro da Fazenda, Pedro Malan, e o presidente do BC, Armínio Fraga, durante o Fórum Nacional

Malan já fala em crescimento

FLÁVIA BARBOSA

O ministro da Fazenda, Pedro Malan, resgatou, na abertura do Fórum Nacional, o tom político de seus discursos em defesa dos fundamentos do Plano Real. Malan disse que a rápida recuperação da economia a partir de março é fruto direto das mudanças de política e comportamento do governo e da sociedade nos últimos cinco anos. Reafirmando que a equipe econômica não abre mão da manutenção da estabilidade, com inflação baixa, responsabilidade fiscal, eficiência empresarial e transparência nos gastos públicos, o ministro fez questão de frisar que essas são condições para o crescimento, rejeitando o rótulo de antidesenvolvimentista que já recebeu até mesmo de antigos colegas de governo.

Malan deixou claro que considera a atual condução da política econômica a melhor para o Brasil, lembrando que as correções de rumo têm sido feitas. "Anunciamos mudanças fiscais imediatas em setembro depois da moratória russa e metas. As estatísticas mostram que as cumprimos com folga, apesar de ninguém ter dado atenção ao fato", afirmou Malan.

Ele reconheceu que as reformas e a austeridade fiscal devem continuar porque o cenário não é, ainda, favorável. "Os desequilíbrios fiscal e das exportações são desafios que resistem para bons resultados na balança de pagamentos. É por isso que vamos continuar implementando as mudanças necessárias. Se não nos faltarem forças", declarou.

Sem dilema – O ministro aproveitou para afirmar que não há dilema entre defender a inflação baixa e criar condições de crescimento sustentável. "É uma crítica tola que nos fazem de que o combate à inflação é objetivo em si da política econômica. Isso é uma perda de tempo e de talentos", avisou. Para Malan, a experiência internacional mostra que manter a inflação sob controle é fundamental para garantir o acesso da população a infra-estrutura, bens públicos e privados e cidadania. "Dizer que alguém se propõe contra desenvolvimento não faz sentido, já que crescimento é objetivo de qualquer política econômica."

Ser desenvolvimentista hoje no Brasil, argumentou, é defender a eficiência da máquina governamental e das empresas e ter compromisso fiscal e monetário para "manter a infla-

ção e investir em gente, em educação, em ensino e pesquisa e ter clareza no Orçamento". Documento da Convenção do PSDB, partido do presidente, realizada no fim de semana, pediu mais investimentos sociais e enfoque prioritário no crescimento econômico. No mesmo encontro, o ex-ministro das Comunicações Luiz Carlos Mendonça de Barros foi conduzido à executiva do partido para cuidar de assuntos econômicos – Mendonça, considerado da ala *desenvolvimentista* do primeiro mandato de FH, era cogitado até outubro de 1998 para a pasta da Fazenda.

Apesar de dizer que as condições criadas nos primeiros anos do Real foram fundamentais para derrubar as "autópsias antecipadas" para a economia nacional em 1999, Malan destacou que não há motivos para uma onda de otimismo. "Estivemos muito perto de perder a credibilidade interna e externa e a recuperação é um processo ainda frágil", afirmou.

Para isso, destacou a necessidade da reforma tributária e de dar continuidade à reforma da Previdência, "onde temos um déficit crônico". O ministro apontou ainda que o déficit em conta corrente será financiado por capital produtivo este ano.